

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Permanências ou mudanças dos saberes na sua construção?

Manoel José da Silva Neto ¹

Wagna Cristina Ferreira Moura ²

Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo ³

Resumo

Sabendo da necessidade e a falta de se construir e ter um recurso didático que atenda a todas as especificidades dos sujeitos do campo, e que nelas os sujeitos do campo se sintam contemplados, apresentamos este trabalho como reflexão parcial de projeto de extensão voltado para a formação de educadores no ano de 2017, a partir do qual nos debruçamos sobre a análise do livro didático de Geografia, da Educação do Campo. Nele investigamos sobre permanências e mudanças na construção de saberes dos sujeitos do campo Projeto de Extensão com intenção de pesquisa, intitulado Formação Continuada Interdisciplinar no Assentamento Acauã, município de Aparecida – PB, na Escola Lili Queiroga, Região Intermediária de Sousa-Cajazeiras, Paraíba, Brasil. Realizamos a pesquisa-ação, com diagnóstico qualitativo e a formação de educadores a partir de oficinas, encontros e mostra cultural.

Palavras-chave: Formação de Educadores, Livro Didático, Educação do Campo.

1-Introdução

O campo brasileiro possui diversidade(s) e características próprias, baseadas no modo de vida camponês, o campesinato, cuja construção das identidades dos seus sujeitos perpassa a relação com a terra, com a família e com a vida em comunidade.

Historicamente, essa categoria social foi invisibilizada e, quando era citada sofria com a desqualificação em relação a sua singularidade, aumentando ainda mais, as desigualdades existentes, levando à tona, um contexto, por vezes, ainda distorcido na realidade presente.

Pode-se notar essa desqualificação/preconceito em diversos contextos, seja no imaginário construído na cidade, seja na literatura que em algumas frases, as quais rotulam o camponês como ‘caipira’, o que é visto e destacando na obra de Monteiro Lobato quando cria o personagem do Jeca Tatu, caracterizado como um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivía na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, de com extensa prole.

¹ Universidade Federal de Campina Grande / manoelluis25@hotmail.com

² Universidade Federal de Campina Grande.

³ Universidade Federal de Campina Grande / ivanaldadantas@gmail.com. Orientadora e Coordenadora do Projeto de Extensão.

Em geral, essa realidade é retratada no contexto educacional através dos Livros Didáticos os quais reproduzem estranhamento em relação à realidade dos sujeitos educandos, especialmente se considerarmos os sujeitos do campo, por vezes representados por imagens, vídeos, os quais retratam mulher grávida acompanhada de vários filhos, de pés descalços.

Para a compreensão dessas questões, no âmbito formal estamos realizando um projeto de extensão universitária de formação de educadores de escolas do campo, a partir do qual nos debruçaremos sobre várias temáticas relativas à educação do sujeitos do campo, dentre elas o Livro Didático, já que representa um dos instrumentos de significativa relevância no contexto escolar, o qual vem sofrendo críticas e sobre este nos debruçamos neste artigo, a partir do momento em que nos inserimos no Projeto de Extensão com intenção de pesquisa, intitulado Formação Continuada Interdisciplinar no Assentamento Acauã, município de Aparecida – PB, voltado para a formação de educadores no município de Aparecida, Assentamento Acauã, na Escola Lili Queiroga, Região Intermediária de Sousa-Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

A análise a qual nos propomos como dissemos insere-se num projeto de extensão universitária, vigente de maio a dezembro de 2017, através do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras, da mesma Região.

Esse projeto tem como objetivo a formação continuada de educadores de escolas do campo dos municípios mencionados, bem como contribuir com o fortalecimento do ensino, da pesquisa e extensão na formação docente para os educandos do curso de Licenciatura em Geografia do CFP/UFCG. Estando em sua fase inicial conta com a participação de dois bolsistas e três voluntários.

A metodologia utilizada será a abordagem quantitativa somada à aplicação de questionários diagnóstico, inicial e final, bem como o tratamento das informações de pesquisa e, da pesquisa-ação com a formação de educadores e introdução de metodologias diversas no ensino interdisciplinar.

2- O Movimento da Educação do Campo e a Relevância do Livro Didático

Partindo das considerações acerca do contexto educacional, o Movimento Por Uma Educação do Campo, contrário à proposta do paradigma da Educação Rural se deu início através dos grandes movimentos sociais, no fim da década de 1970, no começo da década de 1980, dando destaque ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Logo de início, o MST não possuía em suas metas de conquista e de luta, a questão relacionada à educação, mas notando que por meio da educação se consegue alcançar várias esferas, tanto econômica como política e social, a partir das quais começaram a defender as questões da educação voltada ao campo, unindo-se com essa bandeira de luta a outros movimentos sociais. Conforme Vieira (2013, p. 62) “ao incorporar-se ao movimento, ao se organizar como movimento social na luta por reforma agrária e educação, os sujeitos de culturas diferentes constroem uma história em comum, compartilham uma cultura comum”.

Com isso, podemos dizer que o MST agiu de forma integrada nas lutas e conquistas por terra e, por educação em espaços formais e não formais, sendo que no contexto formal partiu do pressuposto de uma educação pública para todas as idades tanto na esfera dos acampamentos, como nos assentamentos.

Outro espaço que é bastante valioso pelos integrantes do MST é o espaço não formal de ensino, no qual são discutidos temas que fazem parte da realidade dos integrantes dos movimentos, como por exemplo, a política e as conquistas que envolvem camponeses/as assentados/as, da reforma agrária. Segundo Caldart (2012, p. 257) a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, “protagonizada pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de Educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas”.

No âmbito formal há que se considerar a participação comunitária, o Projeto Político Pedagógico (PPP) escolar e, dentre tanto outros, linguagens diversas como metodologias e recursos, a exemplo do livro didático. Entretanto, como pensar uma Educação do Campo, no campo e com o campo, engrandecendo as identidades culturais e regionais dessa esfera tendo como apoio os livros didáticos adotados nacionalmente? Partimos então da realidade da conjuntura histórica brasileira que rotula o campo como espaço de menor importância social e cultural, tendo um prejuízo amplo e alarmante para as escolas do campo e, especificamente,

com os sujeitos do campo, por exemplo, com o fechamento nos últimos dez anos, de 37 mil de escolas do campo.

Assim, como essas escolas do campo vão contextualizar sua riqueza cultural/regional, dentro do espaço escolar, possuindo um material didático que não se apropria dessa riqueza cultural, sabendo que ao longo dos anos os movimentos sociais por meio de lutas históricas, conseguiram avanços significativos em várias esferas, tanto educacionais como também políticas públicas.

Contudo, ainda se faz pertinente à continuação da busca por novas conquistas, com a ajuda de governantes de esquerda, os quais parcialmente atenderam (deram voz e ouvidos) às reivindicações da população menos favorecida pelo sistema social, gerando leis e programas voltados à demanda e realidade dos movimentos sociais com os camponeses, os indígenas, camponeses assentados da reforma agrária e, tantos outros movimentos, programas do qual nos deteremos a pesquisar o Programa Nacional do Livro Didático para o Campo (PNLD Campo), o qual tem dentre outras propostas, a construção de livros didáticos voltados às necessidades do campo.

Com isso, utilizar o Livro didático de Geografia nas séries iniciais, trás a tona essa necessidade de discutir e contextualizar a realidade dos educandos do campo com os conteúdos, tendo em vista sua dimensão no âmbito que engloba vários assuntos que se remetem ao contexto camponês como, por exemplo, vegetação, clima, tipos de solos, regionalização, políticas públicas, religiosidades, organização social, ciências em geral, soberania alimentar, dentre outros temas.

São inúmeras as possibilidades de se trabalhar o ensino contextualizado interdisciplinar, e nele, os conhecimentos geográficos, mas a forma que se pode fazer, segundo a Política Pública da Educação do Campo, com que o aluno se sinta como principal sujeito de toda ação educacional no âmbito escolar se dá pela associação da sua realidade com o contexto escolar como tema gerador, pois “[...] investigar o tema gerador é investigar o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis” (FREIRE, 2001, p. 98).

Entretanto, muitos desses materiais que são confeccionados pelas editoras não atendem à necessidade e, muito menos, introduzem na sua formulação características regionais e culturais de cada Estado, apenas atendendo a um sistema uniforme que exclui, de certa forma, outras culturas, as quais, para algumas regiões são consideradas como inferiores.

A utilização de recursos didáticos, em específico o livro didático de geografia, na Educação do Campo é de suma importância para melhorar e facilitar o processo de ensino/aprendizagem. Contudo, como são construídos esses recursos é totalmente preocupante, pois não apresenta nenhuma ou apresenta característica restritas e, por vezes, distorcidas sobre o campo, pois embora algumas vezes se remeta ao campo, porém o faz de modo distante à realidade dos sujeitos e de seus saberes populares, especialmente se nos referirmos aos assentamentos, às comunidades quilombolas, enfim, aos distintos povos do campo. Daí a importância e urgência de olhar diferenciado sobre a forma como se produz o livro didático, assim como de sua forma de utilização pelos educadores para que se possa valorizar e reconhecer as diversidades de saberes dos modos de vida dos distintos povos do campo.

3- Reflexões sobre o Livro Didático Utilizado: das permanências e mudanças

A partir da pesquisa de campo realizada durante a vigência do Projeto de Extensão universitária de formação continuada vimos percebendo que os educadores se utilizam de vários recursos didáticos, dentre eles o livro didático, da Coleção 'Novo Girassol, Saberes e Fazeres do Campo'. Portanto, o livro é utilizado como recurso e não como currículo, uma vez que é instrumento, recurso auxiliar no debate e construção de saberes na Escola Lili Queiroga.

Em geral, são utilizados inúmeros recursos de gêneros textuais orais e escritos, sendo o livro didático um dos auxiliares dessa construção, embora em menor escala, pois a maior parte das orientações de leituras advém do planejamento didático com sequências didáticas previamente planejadas considerando essencialmente o currículo escolar, assim como o respeito às datas e momentos históricos comemorativos do calendário local/regional e escolar.

A estrutura central de planejamento advém do Programa Saberes da Infância, até o mês de julho de 2017, e daí em diante, o Projeto Soma, cujas orientações de leitura sugere além de sequências didáticas, textos relacionados à história do lugar, o que se traduz ponto de pauta na formação de educadores da Escola Lili Queiroga.

O Projeto de extensão mencionado vem sendo executado mediante atividades de oficinas pedagógicas realizadas pela Equipe e demonstra contribuir, especialmente a partir dos diagnósticos realizados para a reorganização do PPP da escola, planejamento de ensino de modo que os conteúdos estejam voltados à realidade imediata e local dos educandos,

momento em que se observa o distanciamento dos conteúdos constantes nos Livros Didáticos adotados.

A formação de educadores realizada através do Projeto de Extensão consiste em uma análise documental sobre os principais conteúdos que o livro de Geografia da Coleção Girassol, voltada para a proposta da Educação do Campo aborda, sendo eles baseados na presença de elementos naturais presentes no campo que estão no livro, como se dá a identificação dos sujeitos e sua representação, diferença entre o campo e a cidade e, como é a organização do campo.

Quadro 1 – Análise do Livro Didático da Coleção Girassol, 2017.

Pontos Identificados	Descrição
Elementos Naturais presentes no Campo	Rios, árvores, animais, plantações de feijão, mandioca, milho, cana de açúcar e também uma pequena descrição da pesca em área de praia. Há espaços em que não se reflete sobre a relação sociedade-natureza e ser humano-sociedade, ser humano-ser humano.
Identificação e representação dos sujeitos do Campo	No primeiro capítulo apresenta o título “O campo, meu lugar. Apresenta imagens de camponeses com enxadas trabalhando na lavoura e no trato da terra, também mostra crianças brincando no campo, deixando de demonstrar a criança e o trabalho acessório. Demonstra a relação do sujeito do campo com os animais e a terra ressaltando sua importância. Apresenta a divisão da organização dos espaços do campo, e a formação de grupos sociais.
Diferença;Relação Campo-Cidade	Ressalta a necessidade do contexto social e das relações nelas estabelecidas. Mostra imagem da cidade e do campo, dicotomicamente,delimitando os limites e as atividades específicas do campo e da cidade.
Organização do Campo	É organizado pelo modo de vida e pelos modos de produção, aborda as questões do latifúndio e das pequenas produções. Possui um local que possibilita a pecuária e a agricultura, que abastece os mercados da cidade e que não apenas se caracteriza por isso, mas também possibilita o lazer e o descanso. Restringe a dicotomia campo/cidade.

Fonte: Organizado pelos autores a partir da Coleção Girassol, 2017.

O Livro da Coleção Girassol tem como principal temática a categoria geográfica ‘Lugar’, um fator identitário para os sujeitos do campo, já que suas lutas e conquistas remetem ao espaço de vida e de seus modos de vida no campesinato. O lugar tem referências imediatas com a afetividade e a identificação pessoal e do grupo, seja como lugar de vida e/ou de trabalho.

Na primeira unidade, o livro apresenta à temática intitulada em “O campo meu lugar”, a presença de elementos que sugerem a identificação e a aceitação dos sujeitos do campo com sua própria realidade são bastante evidentes, tem em seu capítulo uma gravura que faz remeter a uma casa de características arquitetônicas simples, similares as casas do campo, também a presença de hortas e riachos e há uma presença de um casal, uma pessoa idosa demonstrando a noção de geração e sucessão familiar no campo.

No segundo capítulo, a temática é “As paisagens do meu lugar”. Nesse ponto se explica como é a constituição da paisagem, uma categoria geográfica que remete ao visível e invisível, pois está diretamente relacionada às sensações, percepções, experiências dos sujeitos com o lugar onde vivem, ou seja, o campo. Assim, espera-se que os alunos possam perceber ao seu redor e que construam/descrevam suas paisagens de acordo com sua realidade e que se faça a representação do espaço de vivências, representado por fotografias, croquis e maquetes.

No capítulo dois, possui a seguinte temática “O trabalho no campo”, no qual se apresenta a diversidade de atividades que são desenvolvidas no campo, com a participação de mulheres e homens. Ressalta-se que as crianças não podem trabalhar, mas que podem ‘ajudar’ seus familiares e, que isso possibilite uma aprendizagem fazendo com que esses saberes sejam propagados por gerações e que não se percam.

Nesse sentido, há que se destacar a negação no Livro acerca da importância do trabalho acessório da criança, bem como que este não se constitui como ajuda, mas como um somatório de forças da característica do modo de vida camponês, o trabalho familiar. Portanto, o trabalho da criança é responsável pelo ato educativo de aprender na vida e com a vida familiar camponesa que há que se reconhecer que essa atividade é indispensável para que haja a sucessão familiar no campo.

Ainda nesse capítulo o livro apresenta o Brasil, como um dos países maiores produtores de alimentos, configurando assim o campo com a demonstração de lavouras de monocultura e do latifúndio, negando a característica central da presença do campesinato brasileiro, de sua responsabilidade na produção agrícola, na Balança Comercial no País e, por conseguinte, deixa de demonstrar a parcela de responsabilidade da agricultura camponesa como maior produtora de alimentos diversificados que alimenta a família brasileira. Contudo, demonstra em uma gravura um camponês arando a terra, além de apresentar um poema intitulado “Fruto do meu trabalho”:

Fruto do meu trabalho

Eu nasci no mato/ Me criei na roça.
Eu ganho a vida/ Na luta pesada.
Mas sem recurso/ Para estudar. Eu sei apenas/
Manejar a enxada [...]
E com orgulho digo com certeza/
O alimento que vai em sua mesa.
É o fruto do meu *Trabaio*.

O capítulo três aborda sobre os recursos naturais, quais seja, a água, o solo, as matas, entre outros, mas não associam a realidade do campo com a temática e as gravuras apresentadas.

Na terceira unidade, apresenta o tema “Comunidades Campesinas” que se configura de acordo com o livro como a forma de viver em grupo, que é um modo de melhorar suas condições de sobrevivência e organizar a vida e vencer as dificuldades diárias. Foge portanto, ao conceito de campesinato como modo de vida, como característica central a organização familiar, restringindo a definição ao campo como lugar de produção, embora demonstre e valorize a organização comunitária dos sujeitos.

No capítulo um possui a definição do que é grupo social, e qual a finalidade de cada integrante que nele faz parte, que se consiste em um grupo que possui os mesmos objetivos se tornando assim mais unidos, neles se aprendem valores, crenças, saberes e fazeres, uma realidade presente no campo, a partir da formação de grupos de jovens, crianças, mulheres, idosos, religiosos, associativismo e cooperativismo, por exemplo.

No segundo capítulo tem a temática “Como o Campo é organizado?”, se configura como os modos de vida e de produção demonstrando áreas de monoculturas, o latifúndio, mas não explorando a intensa concentração fundiária no Brasil. Dicotomiza a relação e as diferenças campo/cidade como se um fosso o oposto do outro, assim como demonstra espaços ainda não utilizados pelos seres humanos, como se ainda houvesse a primeira natureza (SANTOS, 2001). Desta também a existência de áreas no campo transformadas pelas atividades humanas e outras que os recursos naturais não foram totalmente afetados pelo homem. Mostra a diferença das desigualdades sociais, de um lado existirá a pobreza falta de lugar para cultivar e tirar da terra seu sustento e do outro uma concentração de terras na mão de poucos.

O capítulo três tem como tema “Viver no campo e do Campo”, descreve o quantitativo populacional que possuía o campo na década de 60, mas a falta de oportunidades de emprego e as condições precárias de vida no campo levaram ao êxodo rural, saída do campo para as cidades. Ressalta que atualmente existem povos de diferentes culturas, que vivem de distintas maneiras no campo brasileiro, sendo elas assentadas, acampadas, os ribeirinhos, os quilombolas e os indígenas, dentre outros.

Ainda apresenta as relações campo cidade através das pessoas que moram no campo e trabalham na cidade, e vice-versa. Apresenta a categoria ‘agricultura familiar’ como uma das preocupações centrais dos governos das duas últimas décadas, mas esta categoria criada pelo Estado se distancia da categoria camponês como trabalho de base familiar, distinta da concepção de agricultor, segundo a renda extraída da terra, como é concebida pelo Estado brasileiro.

Na quarta unidade intitulada “Entre o Campo e a Cidade”, demonstra que existem muitos espaços e paisagens que foram constituídas com base no modo de vida e nas necessidades das pessoas, do campo e da cidade, dicotomizando-as, como se não houvesse relações entre elas, assim como se não houvesse interferências do urbano no rural e vice-versa.

O último capítulo, “O campo nosso de cada dia”, descreve o campo como lugar bonito e agradável para se viver, tornando-o uma mercadoria a mercê dos interesses da especulação imobiliária e dos interesses do capital. Igualmente, apresenta que do campo saem vários produtos, tanto da agricultura como da pecuária, portanto, reforçando o campo como lugar da produção para servir à cidade, pois informa que esses produtos são comercializados nas cidades. Também demonstra a relevância da importância do campo e da cidade e de sua conservação a fim de que sirva para o bem de todos, ou seja, demonstrando a idéia do desenvolvimento sustentável e, por conseguinte, o reforço da idéia de que o campo está à disposição dos interesses do capital para a sua reprodução, bem como demonstrando a supervalorização da cidade em detrimento da inferiorização do campo quando o torna espaço de apropriação e exploração.

Considerações

A utilização do livro didático como ferramenta de apoio do professor e professora é de suma importância, ainda mais quando esse recurso é destinado a um determinado grupo social restrito, como é o caso da Política da Educação do Campo. Com isso a representação dos aspectos locais é de total relevância, pois, na medida em que o professores se utilizam desses recursos para auxiliar suas aulas nas comunidades camponesas, necessitam que, no mínimo, se tenha a presença de alguns elementos e alguns conteúdos destinados, especificamente ao campo. Percebemos que a construção dos livros didáticos ainda abordam em sua centralidade as temáticas relativas às principais regiões do país, como a região Sul e Sudeste, não valorizando a diversidade e as individualidades regionais e culturais de cada povo existente no Brasil.

Com isso, a análise do livro didático Novo Girassol: Saberes e Fazeres do Campo, do Terceiro Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, especificamente no conteúdo programado ao que se refere à Geografia, apresenta significativa transformação quando comparamos a outras coleções do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), uma noção de espaço geográfico, uma identificação com as características do campo, apesar de algumas vezes apresentar a permanência, como a dicotomia campo cidade, da inferiorização do campo em relação à cidade, bem como que o saber do camponês se apresenta invisível perante os saberes formais.

O livro se apresenta como um recurso auxiliar do educador no processo de aprendizagem, contudo, necessário de ser complementado com outros recursos e linguagens como costumam realizar as educadoras da Escola Lili Queiroga.

Referências

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A formação de Professores e o Ensino de Geografia. In: **Revista Terra Livre** 13. Julho de 1999.

CALDART, Roseli S. ET AL: **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo Expressão Popular, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 31.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 184 p.

GIRASSOL. **Saberes e Fazeres do Campo**. Editora FTD, 2017.

PROJETO MEMORIA. **Jeca Tatu – A história.** Disponível em http://www.miniweb.com.br/literatura/artigos/jeca_tatu_historia1.html Acesso em 18. Maio. 2017, 15:30:20.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. 2001.

VIEIRA, Edilaine A. **Livros Didáticos para Escolas do Campo: aproximações a partir do pnd campo-2013.** 2013. 1158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.